

18º Congresso Brasileiro de Sociologia  
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)  
GT01 – Teorias Sociológicas: Desafios Perenes e Questões Emergentes

**O pensamento molecular e relacional de Norbert Elias e a sociologia  
atomística weberiana: aproximações e distanciamentos**

Autora:  
Débora Previatti (UFSC)

## O pensamento molecular e relacional de Norbert Elias e a sociologia atomística weberiana: aproximações e distanciamentos

Débora Previatti<sup>1</sup>

### Introdução

Conforme Bucholc (2013), por muito pouco, Norbert Elias não foi contemporâneo a Max Weber, chegando à Heidelberg apenas quatro anos após o seu falecimento. Foi nesse contexto que iniciou a sua formação sociológica, em meio a um clima de “efervescência weberiana”, sendo que desde o princípio de sua carreira acadêmica, já entrou no “mundo” de Weber.

Devido ao ambiente intelectual de Heidelberg, era quase impossível que em suas obras não emergissem temas vinculados à sociologia de Weber. Apesar da reconhecida repercussão de Weber em suas obras, Elias não veio a se tornar um “weberiano”. Formulou as suas próprias ideias, contribuindo posteriormente para complementar e, em certa medida, corrigir aspectos unilaterais de sua teoria (BREUER, 1994).

De acordo com Powell e Dépelteau (2013), sociólogos relacionais analisam, de alguma maneira, a vida em sociedade a partir das *relações sociais*. Porém, o enfoque, o método analítico e o que eles entendem por “relações sociais” varia consideravelmente de um para outro. As “relações” podem ser desde ligações mais concretas entre indivíduos ou grupos, até mais abstratas. Podem significar para alguns autores a sua unidade elementar de análise para toda a sociologia, ou apenas um tipo de estrutura social emergente, ao lado de outras (POWELL, 2013).

Reconhecido como um dos fundadores da sociologia relacional, Norbert Elias é situado por alguns autores, como Powell (2013) e Tsekeris (2013), entre os mais radicais dessa vertente. Isso porque criticou de maneira incisiva

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: <deborapreviatti@gmail.com>.

pressupostos essencialistas e formas reificatórias de se fazer sociologia, superando e sintetizando, de modo eficaz, o dualismo “indivíduo – sociedade”.

O presente trabalho tem a intenção de contribuir com os estudos eliasianos e pós-eliasianos, enfocando, sobretudo, algumas aproximações e distanciamentos de Norbert Elias em relação a Max Weber. O objetivo foi o de analisar os fatores que unem e os que afastam esses dois autores, a partir de seus próprios posicionamentos a favor de enfoques analíticos específicos: no caso de Weber, de uma sociologia que tem em seu centro o “átomo”, do qual parte ou ao qual se reduz, em última instância, ao longo do processo analítico; e, no de Elias, de uma sociologia que parte de uma “molécula” para a compreensão das estruturas de dominação em diferentes agrupamentos humanos.

Para tal discussão, apresento inicialmente posicionamentos de Elias frente a uma visão atomística da sociedade, acrescentando pontos de contraste e de aproximação a Weber e, posteriormente, argumento no sentido de que as obras de caráter dual – teórico e empírico – de Elias e de Weber podem apontar caminhos importantes para a compreensão de suas maiores convergências analíticas.

### **O pensamento molecular e relacional de Elias como posicionamento frente ao atomismo**

Conforme a definição genérica proposta por Powell e Dépelteau (2013), sociólogos relacionais analisam a vida social a partir das “relações sociais”. Porém, a forma o fazem e o que precisamente eles entendem por “relações sociais” variam consideravelmente de um sociólogo relacional para outro. Segundo Tsekeris (2013), a teoria *figuracional* de Norbert Elias impulsiona nitidez, rigor e interdisciplinaridade à sociologia relacional concentrando-se cuidadosamente em aspectos tanto ontológicos como epistemológicos do conceito de “relações”.

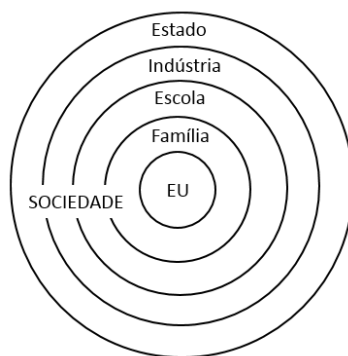
Conforme Powell e Dépelteau (2013), é característico dos sociólogos relacionais enfatizar a forma como os indivíduos estão sempre entrelaçados em relações de interdependência com outros, sendo que esses indivíduos não

poderiam ser entendidos, mesmo que teoricamente, além de seus contextos relacionais. Foi justamente partindo desse ponto que Elias (1970) se posicionou frente ao que denominou de *visão atomística da sociedade*. Posicionava-se frente a uma forma comum de se fazer sociologia e, ao mesmo tempo, as incorporava em certa medida, conforme destaca Tsekeris (2013):

O seu pensamento relacional, como uma forte oposição ao substancialismo sociológico e como uma crítica aguda dos vários elementos essencialistas e formas reificatórias de fazer ciência social, constitui uma frutífera, aberta e inacabada “tradição de pesquisa” (em vez de um conjunto de doutrinas rígidas), que proporciona muitos insights sintéticos e originais. As sínteses radicais de Elias envolvem principalmente ideias centrais de Auguste Comte, Georg Simmel, Karl Marx, Max Weber, Alfred Weber, Karl Mannheim, Kurt Lewin, Sigmund Freud, e seu primo distante Ernst Cassirer. (TSEKERIS, 2013, p. 88, tradução nossa)

Elias propunha que o ponto de partida de análise da vida em sociedade não deveria ser o “átomo”, mas sim a “estrutura de uma molécula específica” (ELIAS, 2001b, p. 134), pois as ações dos indivíduos somente podem ser compreendidas, efetivamente, se analisadas dentro de figurações determinadas, as quais apresentam uma ordem de funcionamento e racionalidade próprios. As figurações podem envolver poucos indivíduos ou ser de grandes dimensões (e.g. desde um grupo de jogadores de dominó, até um país) e a “sociedade” seria explicada mediante a formação, manutenção, dissolução e repercussão de tais figurações na trama social (ELIAS, 2001b).

Além disso, Elias (1970) argumentou no sentido de que era preciso que os sociólogos se distanciassem de si próprios e vissem a si próprios *em relação* com outros seres humanos. Era um problema para ele, portanto, que os pesquisadores tendessem a encarar os indivíduos e os grupos como meros objetos e externos a eles mesmos. Assim que Elias (1970) propôs uma superação da visão atomística da sociedade que apresentava os conceitos de “indivíduo” e “sociedade” de forma reificada. Isso distorceria a própria visão da vida em sociedade, na medida em que o indivíduo seria colocado, de forma equivocada e egocêntrica, em seu centro (Figura 1).



**Figura 1.** Padrão básico de uma visão egocêntrica da sociedade. Fonte: ELIAS, 1970.

Criticaria Elias, com isso, um dos fundamentos mais elementares da própria teoria weberiana: “A Sociologia Compreensiva (em nosso sentido) trata o indivíduo e suas ações como sua unidade de base, como seu *átomo*, se permitem-nos aqui uma questionável analogia” (WEBER, 1922, p. 403). Conforme analisou Colliot-Thélène (2010), se é verdade que Elias fez frequentemente referências a Weber, a maioria delas foram críticas. Estas, longe de serem negligenciáveis, demarcavam diferenças epistemológicas importantes entre os dois autores.

Para Elias (1970), a oposição entre “indivíduo” e “sociedade” não existe de fato, não passa de uma construção mental que fazemos para dar ordem ao caos da vida social. A melhor maneira de compreendermos as relações sociais e que pode ser descrita é ver-nos inseridos em teias simbólicas de interdependência [*Interdependenz*]. Nessas teias, cada ação de um indivíduo reflete e, ao mesmo tempo, depende de uma série de outras ações. Com isso, a sua liberdade permanece limitada à rede de interdependências da qual faz parte, sendo que ela dirá até onde o indivíduo pode ir e o que ele pode ou não fazer (ELIAS, 1970).

Elias argumenta que, tal como acontece em um jogo de xadrez (ELIAS, 2001b, p.158), Elias argumenta que cada ação individual, por mais que aparente ser independente de outras pessoas e, por mais que seja, em parte, uma escolha individual, é efeito e também repercute nos movimentos seguintes. Ao mesmo tempo, essa ação ocorreu em um contexto de relações e de regras que norteiam o jogo, seja o de xadrez ou, transcendendo para a “sociedade”, o jogo social (ELIAS, 2001b).

Desse modo, mesmo que Elias tenha partido do conceito de *Wechselwirkung*, no sentido de “ação recíproca”, tal como Weber e Simmel, essa reciprocidade em Elias só pode ser explicada no interior de cada uma das figurações. Além disso, o movimento de um indivíduo no “tabuleiro social” repercute em uma série de outras ações consecutivas de outros indivíduos inseridos na mesma figuração, de modo que a ação recíproca não retorna apenas ao indivíduo que teria desencadeado tal processo, mas também impacta em todos os seus outros integrantes (ELIAS, 2001b).

Nesse tipo de formação social, as “relações” não devem ser interpretadas como abstrações, mas como um elemento concreto fundamental para a explicação da vida em sociedade. Além de concretas, as relações sociais devem também ser compreendidas para além do dualismo indivíduo – sociedade, pois as “sociedades” nada mais são do que indivíduos conectados entre si. Logo, a função da sociologia é a de tornar essas redes de inter-relações transparentes (ELIAS, 1970).

Elias (1970) argumenta que o dualismo indivíduo – sociedade estaria presente em dicotomias profundamente enraizadas, que precisariam ser superadas. A separação estaria presente, por exemplo, na própria delimitação das fronteiras disciplinares entre a sociologia e a psicologia. Para o autor, não haveria uma divisão clara entre elas, pois o “social” está no “individual” e o “individual” está no “social”. Para Elias era preciso superar barreiras disciplinares, para poder compreender, de fato, a nossa vida em sociedade. Fazia, com isso, um movimento contrário a Weber, já que este tinha o intuito de conceituar e delimitar as fronteiras disciplinares da sociologia (WEBER, 1994).

Weber, apesar de ter sido enquadrado como adepto do individualismo metodológico, possuindo o “átomo” como ponto de partida, não desejava manter o dualismo indivíduo – sociedade, mas sim buscava uma síntese entre as esferas micro e macrosociológicas de análise. Além disso, Weber assim como Elias, repudiou em diversos momentos a substancialização de certos conceitos (SELL, 2016).

Além disso, tanto em Weber como em Elias, os indivíduos não estão “flutuando no espaço”, mas sim encontram-se presos em um teia de relações com os outros indivíduos. É a reciprocidade da ação [*Wechselwirkung*].

Entretanto, em Elias, não haveria ações estritamente “individuais”, já que tais ações encontram-se sempre vinculadas a regras e convenções específicas das figurações que o indivíduo integra ao longo da vida.

Weber (1994, p. 3) também já havia reconhecido a atuação da interdependência na ação dos indivíduos em seu conceito de “ação social”: “uma ação que, quanto ao seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de *outros*, orientando-se por este em seu curso”. Porém, uma questão que parece ter passado despercebida aqui, e que aparece em Elias, é de que o próprio sentido “individual” nunca seria apenas individual, mas sempre, ao mesmo tempo, “social” e determinado pelas figurações. Estas regulam e controlam as emoções dos indivíduos e, conseqüentemente, as suas ações.

Na visão de Elias (2001b), o “sentido visado pelo agente” não poderia ser apreendido a partir do indivíduo (“átomo”) em sua relação com outros, mas apenas a partir de uma figuração específica na qual tal indivíduo encontra-se inserido (uma “molécula”), a partir de sua racionalidade própria. Tal diferença – que marca o ponto de partida sendo o “átomo” ou a “molécula” – longe de ser negligenciável, pode impactar substantivamente no modo de se analisar os fenômenos, pois o elemento coercitivo das figurações pode transformar substancialmente as ações dos indivíduos e a nossa compreensão sobre elas.

Em sua primeira obra “A Sociedade de Corte”, Elias (2001b) considerou que certos elementos presentes no indivíduo estão não no plano não da “psicologia” enquanto ciência, mas da própria necessidade vital da corte, na forma de motivos, habilidades, constituição e limitações das pessoas. Para o autor, mesmo as questões mais internas, relativas à psique humana, nunca poderiam ser explicadas apenas no plano individual.

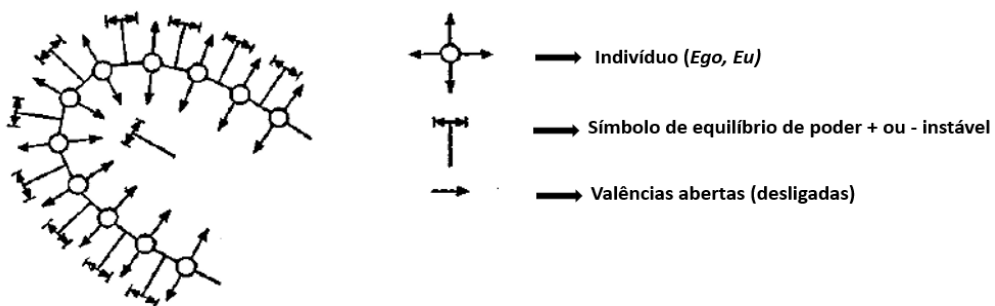
Ao mesmo tempo que o “social” está no “individual”, o “individual” também encontra-se no “social”. Amparado na psicanálise freudiana, Elias (1994a; 1994b) confere à economia psíquica e ao autocontrole uma importância fundamental para explicar o processo civilizador. Um controle das pulsões e desejos individuais é exigido pelo fato de o indivíduo estar inserido em uma rede de interdependências e constrangimentos e, portanto, de ele precisar se submeter às regras do jogo social. Elias, dessa forma, atribui uma importância

não apenas à forma, mas também ao conteúdo, para a transformação das figurações, de modo que estas transformam-se com o tempo (processos sociais).

Dessa maneira, a figuração, muito longe de se tratar de uma *rede* amorfa, no sentido de união aleatória ou ocasional de indivíduos, onde suas relações seriam marcadas por um grande livre arbítrio dos indivíduos e uma ausência de elementos coercitivos, trata-se, sobretudo, de uma estrutura com regras bem delimitadas e uma lógica própria, uma racionalidade particular (ELIAS, 2001b).

Para termos uma melhor visão do que seria tal estrutura, Elias propôs sua comparação a uma “molécula”: “é possível determinar as *estruturas* de um *sistema de dominação* como figuração de indivíduos interdependentes, quase com o mesmo rigor de um cientista ao determinar a estrutura de uma *molécula específica*” [grifos nossos] (ELIAS, 2001b, p. 134). Essa comparação é feita não a partir de uma estrutura molecular específica, mas em termos do reconhecimento de semelhanças entre as ações dos indivíduos inseridos em figurações e os comportamentos dos átomos que integram estruturas moleculares.

Elias (1970) usou o termo “valências abertas”, emprestado da química e da psicanálise, para explicar a sua noção de figuração. Estas correspondem ao potencial de um indivíduo relacionar-se com outros, com aqueles os quais ainda não se relacionou (ver Figura 2). A valência, na química, corresponde à capacidade de um átomo de ligar-se a outros e é medida por meio do número de elétrons que um átomo pode doar, receber ou compartilhar, a fim de estabelecer uma ligação química.



**Figura 2.** Estrutura básica molecular eliasiana. Representação de indivíduos interdependentes (“família”, “Estado”, “grupo”, “sociedade”, etc.) em uma figuração. Fonte: ELIAS, 1970.



Para que um átomo permaneça em uma molécula, é necessário que as ligações sejam mais fortes e estáveis do que seu potencial de ligação com átomos externos. Assim também acontece em uma figuração, de modo que um equilíbrio de tensões [*Spannungsgleichgewicht*] não fixo é crucial para que ela mantenha sua estrutura de poder, interna e frente a um campo de poder mais amplo (ELIAS, 2001b). Além disso, como analisou Miceli (2001), o *sentido* tem um papel fundamental para que um determinado indivíduo permaneça em figurações, o que não pode ser explicado apenas mecânica e quimicamente.

Na química, a valência (capacidade de um átomo de relacionar-se com outros) depende basicamente de propriedades intrínsecas ao átomo, que são prévias à sua ligação a outros, de caráter natural. Quando falamos a respeito de seres humanos, as características prévias são plurais e complexas, pois envolvem elementos resultantes das diferentes figurações as quais o indivíduo integra.

Segundo Elias (1969 apud LAHIRE, 2013), as valências constituem-se a partir da socialização primária, que se desenvolve por meio da família, sendo que vão se transformando com o passar do tempo, conforme as experiências do indivíduo. O psicanalista Armony denominou essas valências iniciais como “valências identificatórias” Estas experiências variam conforme o indivíduo vai se inserindo em diferentes figurações ao longo da vida. Esta estrutura é que irá determinar a natureza de suas ligações e relacionamentos.

O indivíduo carrega, desde a sua infância, afinidades e indiferenças, pontos de atração e rejeição, simpatias e antipatias, que condicionarão as suas futuras relações com os inúmeros indivíduos com os quais se deparará e frente às múltiplas situações que deverá enfrentar (LAHIRE, 2013). É por meio também do conceito de “valência” que Elias, ao mesmo tempo em que construiu um corpo analítico totalmente dependente de Freud, irá tecer uma de suas principais críticas a ele. Uma dessas críticas é a de que Freud, ao reduzir tudo a pulsões sexuais, não considerou a pluralidade de valências que seria possível ao indivíduo (LAHIRE, 2013). Além disso, ao lutar pela legitimidade de sua teoria, Freud teria conferido valor universal a um tipo dado e datado de estruturas de personalidade, que estendeu para todos os seres humanos (ELIAS, 2010).

Apesar de Elias partir, traçar analogias e aproximar a sociologia de disciplinas das ciências naturais, como a química e a física, ao mesmo tempo, alerta para um cuidado, pois as metáforas que os sociólogos usam para se referir ao “indivíduo” ou à “sociedade” são muitas vezes insuficientes de captar a interdependência constitutiva de cada ser humano (LAHIRE, 2013). Apesar de insuficientes, tais conhecimentos – prévios em sua formação, ao lado da filosofia – constituíram bases importantes para as formulações teóricas de Elias e de suas análises das estruturas de poder a partir de figurações particulares. Serviram, sobretudo, para desenvolver seus argumentos frente a pressupostos substancialistas e atomistas.

### **Elias, Weber e suas “pesquisas efetivas”: uma via de convergência**

Como aproximaríamos Weber de Elias, se rotulássemos, de modo rígido, substancializado e radical, respectivamente, um sociólogo relacional e outro atomista, sem maiores questionamentos? Se apenas levássemos em consideração os seus escritos sistemáticos, *ipsis litteris*, poderíamos chegar à conclusão de que isso seria muito complicado ou insuficiente. Como, então, explicar a notável e reconhecida repercussão de Weber nas obras de Elias? Para isso, propomos aqui um movimento de olhar menos para os seus escritos sistemáticos, para enfocarmos mais o que Blondel (2010) chamou de “pesquisas efetivas” desses dois autores.

“A ética protestante e o espírito do capitalismo” e algumas outras “pesquisas efetivas” de Weber, assim como “A Sociedade de Corte” e “O Processo Civilizador” de Elias, foram escritas muito antes de seus escritos teórico-sistemáticos. As três obras abarcam um caráter dual, a um só tempo teórico e empírico: analisam sociedades específicas, de maiores ou menores proporções, sendo que, concomitantemente, propõem formas de analisar a vida em sociedade que servem para compreender tantos outros contextos.

Para Elias (2001b), as ideias não existem independentemente dos fatos ou pessoas, sendo que elaborações teóricas podem ser melhor compreendidas e explicadas a partir de realidades empíricas específicas, que devem ser entendidas em sua época e contexto determinados, contemplando as suas

particularidades. Por meio de suas duas obras monográficas, podemos ter uma maior dimensão de seu alcance teórico-metodológico e compreender de modo mais claro suas formulações sistemáticas elaboradas posteriormente. Nelas, o conceito de figuração ganha corpo e complexidade, com a riqueza de detalhes apresentada sobre contextos particulares.

A discussão empreendida aqui anteriormente sobre “estruturas moleculares” diz respeito a um padrão geral proposto por Elias (1970) para o entendimento de diferentes agrupamentos humanos, já mencionado por ele em suas obras monográficas, porém sistematizado apenas muitos anos depois. Tratava-se de uma estrutura mutável, que auxiliaria na compreensão do comportamento dos indivíduos dentro de figurações de seres humanos interdependentes, que compartilhariam de estruturas de dominação comuns, tal como explica Elias (2001b), em “A Sociedade de Corte”:

A comparação [com a estrutura de uma molécula] serve simplesmente para delimitar com mais distinção e rigor a imagem que o sociólogo tem em mente. Cada campo de dominação apresenta-se como uma rede de homens e grupos humanos interdependentes, agindo em conjunto ou em oposição num sentido bem-determinado. É possível, como ainda mostraremos, distinguir diversos tipos de campos de dominação, de acordo com a orientação da pressão que os diversos grupos de um campo exercem uns sobre os outros, segundo as modalidades e a intensidade da dependência relativa de todos os homens e grupos que formam a estrutura de dominação. (ELIAS, 2001b, p. 134)

Entretanto, em Elias a variedade encontrada entre diferentes figurações é decorrente não apenas de seu conteúdo, que varia de uma em relação à outra, mas também de suas formas<sup>2</sup>. Isso pelo fato de que as figurações encontram-se em processo, transformando-se com o tempo. Com sua transformação, as teorias geradas para entender os seres humanos devem também não ser estanques, mas passíveis de mudança. As particularidades empíricas não se tratariam apenas de um modo de “ilustrar” uma determinada teoria, em termos de exemplos de sua aplicabilidade, mas a partir de cada uma dessas realidades que as teorias deveriam ser formuladas e reformuladas, considerando novos aspectos advindos desses novos contextos.

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, Elias se distingue dos pressupostos da teoria de Simmel (1999), na qual a forma aparece como imutável entre os agrupamentos humanos, variando apenas seu conteúdo.

As formas, além de não serem estáticas, também não devem ser interpretadas apenas mecanicamente. Conforme Miceli (2001), em Elias a dependência que une e que afasta os indivíduos manifesta-se de maneiras muito específicas em cada figuração, variando conforme o conteúdo de cada uma delas. O *sentido* apenas pode ser captado se compreendemos um indivíduo imerso em uma figuração, auxiliando para entender suas ações e o próprio funcionamento dessa formação social. Miceli (2001) argumenta que, em “A Sociedade de Corte”, o sentido possuía um papel crucial no direcionamento dos comportamentos dos indivíduos no interior da corte. O sentido, aqui, apareceria não em termos de que existiria um todo fixo dotado de sentido, mas sim que as ações dos indivíduos integrantes da corte seriam guiadas, em grande medida, pelo sentido que a figuração e a posição ocupada dentro dela apresentariam para cada um deles.

Por todos os motivos levantados, a análise sistemática feita por Elias em uma fase posterior de sua trajetória pode ser compreendida de forma mais completa quando fazemos o retorno às suas “pesquisas efetivas”, considerando os conteúdos específicos das diferentes figurações e a análise do autor aprofundada a respeito delas, ao mesmo tempo em que elaborou a sua teoria. Podemos enxergar a etapa de sua sistematização, tardia em sua trajetória intelectual, ao lado de sua produção de sua obra autobiográfica, “Norbert Elias por ele mesmo” (ELIAS, 2001a), como uma ação de Elias no sentido de legitimar-se como autor de uma teoria social própria e ser reconhecido no grupo de intelectuais no qual esteve imerso.

Weber tinha noção de que suas formulações teórico-sistemáticas possuíam uma distância relevante da vida em sociedade. Porém, o esforço de sistematização de categorias comuns aos sistemas de dominação lhe pareceu ser uma tarefa importante de ser realizada. No decorrer de 1913, Weber via-se cada vez mais como sociólogo, sendo que escreveu a Paul Siebeck: “elaborei uma teoria e uma exposição sociológicas acabadas” (MWG II/8, p. 449 apud LEPSIUS, 2012). No primeiro parágrafo do capítulo introdutório “Conceitos sociológicos fundamentais” de *Economia e sociedade*, Weber se explica:

O método destas definições conceituais introdutórias, dificilmente dispensáveis mas que *inevitavelmente parecem abstratas e estranhas à realidade*, não pretende de modo algum ser algo novo. Ao contrário, apenas deseja formular de maneira mais adequada e um pouco mais correta (o que justamente por isso talvez pareça pedante) aquilo que *toda Sociologia empírica de fato quer dizer quando fala das mesmas coisas*. [grifos nossos] (WEBER, 1994, p. 3)

É por essa via que propomos aqui compreender a aproximação de Elias em relação a Weber. A ideia é de que, ao olharmos menos para as suas formulações teórico-sistemáticas e mais para as suas “pesquisas efetivas”, vendo esses sociólogos “a sujar as mãos” com realidades empíricas, poderíamos compreender melhor de que forma as suas visões de mundo e métodos de análise particulares se cruzam e, assim, o impacto de Weber nas obras de Elias.

Quando nos empenhamos em trabalhar com categorias teóricas que podem ser comprovadas e mantidas ao longo da própria pesquisa científica, essas classificações filosóficas tradicionais acabam por mostrar-se simplificações bastante grosseiras. Os problemas que encontramos no decorrer da pesquisa sociológica são muito mais complexos e sutis do que essas antíteses sugerem. (ELIAS, 2001b, p. 96)

A partir dessa crítica de Elias, podemos imaginar que os esforços de sistematização de um determinado autor, por uma necessidade de posicionamento intelectual em uma rede de relações específica, pode acabar por reificar, simplificar demais ou mesmo distanciar ele próprio de suas “pesquisas efetivas”. Sell (2016) admite que poderíamos ver, em certa medida, tal distanciamento no caso de Max Weber:

... se entendemos que *existe uma contradição entre as formulações metodológicas de Weber e sua pesquisa de fato* (sociologia da religião, do direito, da política, etc.) e, mais ainda, que em sua teoria está posta uma *lacuna* no que tange ao modo de conceber e explicar o nível estrutural, isso não impede que a partir dos elementos potenciais nela contidos possamos corrigir e complementar sua análise. Desembocaremos então no *relacionismo sociológico*. [grifos nossos] (SELL, 2016, p. 345)

Se podemos então compreender dessa forma, considerando que há esse distanciamento entre as formulações sistemáticas e as “pesquisas efetivas” de Weber, assim como no caso de Elias – no sentido de que ele procura se afastar

de Weber e de outros teóricos, porém em suas “pesquisas efetivas” sua repercussão é evidente – propomos, portanto, que, para aproximá-los, podemos nos permitir “duvidar” de alguns de seus posicionamentos mais “radicais”. Nesse sentido, a análise de Blondel (2010) complementa a discussão:

É difícil, enfim, separar as “reflexões metodológicas” de cada um dos autores de suas pesquisas efetivas. Max Weber é muito claro sobre esse ponto: ‘Os conhecimentos metodológicos mais vastos ainda não fazem de ninguém um historiador; as concepções metodológicas inexatas não determinam necessariamente uma prática histórica errônea, mas provam, em primeiro lugar, apenas que o historiador formulou e interpretou erroneamente as máximas corretas de seu próprio trabalho’. E Elias não deixa de afirmar, em diversos locais, quando está livre da tutela de seus mestres, que *Weber é um grande sociólogo quando se trata de ter uma visão de conjunto dos dados empíricos*, que ele também é um pensador lúcido em sua vontade de formular as categorias fundamentais da sociologia, *mas que, ao inserir em seus escritos teóricos sua ‘fé axiomática’ no ‘indivíduo absoluto’, ele se vê acuado a encarar as estruturas sociais típicas como irreais*, o que o converteria num dos grandes representantes do ‘nominalismo sociológico’. [grifos nossos] (BLONDEL, 2010, p. 44)

Nesse sentido, Colliot-Thélène (2010) propõe que não deveríamos tomar ao pé da letra o individualismo metodológico do qual Weber professava, pois o autor não teria colocado a atividade dos indivíduos *stricto sensu* como ponto de partida para explicar a lógica dos processos sociais. Complementa a autora:

A *Lebensführung* das diferentes camadas sociais, que constitui o centro de suas análises, é, por relação com as estruturas sociais designadas pelas categorias coletivas (associação, Estado, mas também imperialismo, feudalismo, mercantilismo etc.) tanto constituída quanto constituinte. E de resto, ela mesma é apenas um ideal-tipo com respeito à “realidade” dos comportamentos dos indivíduos concretos, sempre em defasagem com relação à pureza do tipo. (COLLIOT-THÉLÈNE, 2010, p. 32)

Um outro ponto importante é levantado por Sell (2016), em relação a não tomarmos como dado, de modo superficial e naturalizado, o enquadramento da sociologia weberiana como “individualismo metodológico”, sem maiores questionamentos. Apesar de concordar com esta designação, o autor alerta para não fazermos denominações rasas a respeito de tal posição e considerarmos devidamente sua natureza, pressupostos e implicações. Um dos pontos que o

autor destaca é que existem diferentes níveis de adesão ao individualismo metodológico, desde posturas mais radicais até algumas que tendem a perspectivas relacionais. Além disso, frequentemente ao tratar do tema, os autores confundem individualismo metodológico com individualismo ontológico, ou ainda, individualismo epistemológico. Para Sell (2016), poderíamos inserir Weber no primeiro, porém seus escritos não nos forneceriam elementos suficientes para enquadrá-lo nos dois últimos.

Sell (2016) vê como saída para essas questões considerar igualmente importantes as dimensões histórica e sistemática do método de Weber, incorporando discussões de teóricos que buscam aproximar visões holistas e individualistas, evitando respostas que tendem a dicotimizá-las. Chega à conclusão de que Weber teria adotado uma postura individualista *moderada* e que poderia ter inspirado trabalhos posteriores ancorados na perspectiva relacional, os quais podem ter partido de Weber, corrigindo ou complementando a sua análise, como teria sido o caso de Norbert Elias.

Apesar do nosso esforço de aproximação, para Colliot-Thélène (2010), um ponto crucial que não pode ser negado em toda essa discussão é a *divergência dos paradigmas epistemológicos* que orientam os trabalhos de Weber e Elias. Reside aí, segundo a autora, uma dificuldade enorme: para reconhecer tal divergência, assim como para tentar aproximar Weber de Elias é preciso tomar certo cuidado, pois o contexto no qual cada um desses autores elaborou as suas sistematizações teóricas variou substancialmente. No caso de Weber, há ainda outro fator complicador, no caso de *Economia e sociedade* seus escritos tiveram diferentes fases de concepção e composição, além de que seus capítulos foram organizados de formas distintas, o que variou consideravelmente em suas diferentes edições (LEPSIUS, 2012). Por fim, além de todos esses fatores, a epistemologia explícita descrita por cada um desses sociólogos pode não corresponder sequer àquela empregada por eles próprios em suas “pesquisas efetivas” (COLLIOT-THÉLÈNE, 2010).

## Considerações Finais

Devido ao ambiente intelectual de “efervescência weberiana” no qual Elias teve a sua formação sociológica, era praticamente impossível que, em suas obras, não estivesse presente uma base weberiana forte. Entretanto, como tentamos demonstrar, Elias se opôs criticamente, em muitos momentos, a diversos pressupostos dos quais partiram Weber.

Acreditamos que o afastamento intencional de Elias em relação a determinados pressupostos da sociologia clássica, em determinados espaços, em suas narrativas autobiográficas e em seus escritos teórico-sistemáticos, consistiam em mecanismos importantes de construção de sua imagem enquanto autor de uma teoria social própria e que, nesse sentido, o fazia posicionar-se de modo mais explícito frente a outros autores que lhes eram contemporâneos ou predecessores. Logo, os seus posicionamentos nesses espaços poderiam soar mais “radicais” do que suas “pesquisas efetivas” parecem demonstrar.

Concordamos com a existência de “lacunas”, evidenciada pelos diferentes autores (SELL, 2016; BLONDEL, 2010; COLLIOT-THÉLÈNE, 2010), entre as “pesquisas efetivas” de Weber e de Elias e as suas próprias formulações teórico-sistemáticas. Se, por um lado, tais lacunas teriam sido geradas por eles próprios, de outro, viriam a ser mantidas ou acentuadas por seus leitores. Na medida em que nós pesquisadores tentamos enquadrar esses autores a uma ou outra vertente ao longo da história, podemos ter levado a uma maior dificuldade em compreender os pontos de contato entre Weber e Elias.

A sociologia relacional está atualmente muito presente nos debates sociológicos contemporâneos nacionais e internacionais, de modo que vêm sendo destinados esforços no sentido de reunir diferentes abordagens, criando ou reconhecendo categorias e conceitos comuns a elas. Não havendo uma unidade entre essas abordagens, seria importante analisar cada uma delas em profundidade, com o cuidado de não equipará-las ou reduzi-las ao gerar tais categorias e conceitos genéricos comuns.

Desse modo, retomar, aprofundar e atualizar as análises de Norbert Elias, reconhecido atualmente como um dos grandes precursores da sociologia relacional, parece ser um desafio perene e também uma questão emergente.



Questionamentos propostos por Elias em relação à reificação de conceitos, à criação e à manutenção de fronteiras disciplinares e ao dualismo indivíduo – sociedade podem ser vistos como ainda atuais. Assim, podem ser retomados, aprofundados e atualizados incorporando novas características relativas ao momento histórico vigente nos contextos específicos analisados, tais como a globalização, o cosmopolitismo e outros aspectos vinculados à vida urbana, suas transformações e derivações. Nesse sentido, acreditamos que estudos eliasianos e pós-eliasianos podem fornecer argumentos importantes para nos levar além de algumas das “encruzilhadas” contemporâneas.

## Referências

BLONDEL, J. Encadeamentos e regularidades nas “Ciências da Cultura”: seguindo Friedrich Nietzsche, Max Weber, Norbert Elias. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BREUER, Stefan. Society of individuals, society of organizations: a comparison of Norbert Elias and Max Weber. *History of the human sciences*, vol. 7, n° 4, pp. 41-60, 1994.

BUCHOLC, Marta. Irony as vocation: the fate of a social scientist in the writings of Max Weber and Norbert Elias. In: DÉPELTEAU, F.; LANDINI, T. S. (orgs.). *Norbert Elias and Social Theory*. New York: Ed. Palgrave Macmillan, 2013.

COLLIOT-THÉLÈNE, C. O conceito de racionalização: de Max Weber a Norbert Elias. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard (orgs.). *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1970.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. 2. ed. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.

\_\_\_\_\_. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001a.

\_\_\_\_\_. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.

\_\_\_\_\_. *Au-delà de Freud: Sociologie, Psychologie, Psychoanalyse*. Paris: Éditions la Découverte, Laboratoire des sciences sociales, 2010.

LAHIRE, B. Elias, Freud, and the Human Science. In: DÉPELTEAU, F.; LANDINI, T. S. (org.). *Norbert Elias and Social Theory*. New York: Ed. Palgrave Macmillan, 2013.

LEPSIUS, R. "Economia e sociedade": a herança de Max Weber à luz da edição de sua obra completa (MWG). *Tempo Social*, v. 24, n. 1, 2012.

MICELI, S. Norbert Elias e a questão da determinação. In: NEIBURG, F.; PONTES, H.; SOUZA, J.; WAIZBORT, L.; MICELI, S. (orgs.). *Dossiê Norbert Elias*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

POWELL, C. Radical relationism: a proposal. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. *Conceptualizing relational sociology: ontological and theoretical issues*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. Introduction. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. *Conceptualizing relational sociology: ontological and theoretical issues*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

SELL, C. E. Max Weber e o átomo da sociologia: Um individualismo metodológico moderado? *Civitas*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 323-347, abr.-jun. 2016.

SIMMEL, G. *Sociologie: études sur les formes de la socialisation*. 1. ed. Presses Paris: Universitaires de France, 1999.

TSEKERIS, C. Norbert Elias on relations: insights and perspectives. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. *Conceptualizing relational sociology: ontological and theoretical issues*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

WEBER, M. *Über einige Kategorien der verstehenden Soziologie*. Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre. Tübingen: Mohr Siebeck, 1922.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 1. Editora Universidade de Brasília, 1994.